

A cerâmica artística na contemporaneidade: Ai Weiwei

Sandra Minae Sato¹

A escolha de Ai Weiwei de “odiar a cerâmica” enquanto “a constrói” constitui uma estratégia para transcender completamente a natureza conflitante de uma categoria para criar outra, são plataformas imprevistas para o fazer e o discurso.

Gregg Moore e Richard Torchia, *Doing ceramics* (WEIWEI, 2010)

Resumo

Ao encararmos a arte cerâmica do chinês Ai Weiwei, estamos diante da condição do artista contemporâneo independentemente do continente em que reside ou do regime político a que se submete. Estamos diante de um contexto assombrosamente comum a qualquer sociedade presente. A partir dessa matéria-prima ancestral, Weiwei propõe um frescor conceitual que traduz a cerâmica como um agente atualizado e contextualizado para responder – por vezes aos chutes e vociferações – suas questões sociais e políticas, suas inquietações sobre a função da arte em si. Com a porcelana milenar, ele reacende a discussão sobre a real necessidade de classificar as diferentes formas de expressão artística pelos clássicos estatutos de arte maior ou arte menor (*high - low art*).

Palavras-chave: Ai Weiwei. Estatuto da arte. Cerâmica artística. Arte contemporânea. High - Low Art.

Abstract

By facing the ceramic art of Chinese Ai Weiwei we are facing the universal condition of contemporaneous artist, no matter in which continent it is located or to which political system it is submitted. We are before a scenery astonishingly common to any society. From this ancestral media, Weiwei presents a conceptual refreshing that translates pottery into an actual and contextualized agent to answer – sometimes under kicks and vociferations – his social and political questions. With the ancient

1

Sandra Minae Sato é artista plástica e professora do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. Este artigo é resultado de um recorte da pesquisa de doutorado em Poéticas Visuais sob orientação da professora doutora Norma Tenenholz Grinberg: “A cerâmica artística: interfaces na contemporaneidade” (ECA/USP, 2016).

porcelain, he discusses the function of art itself and relights the debate about real necessity to classify the different forms of art expression as of the High and Low Art classic status.

Keywords: Ai Weiwei. Art status. Artistic ceramics. Contemporary Art. High and Low Art.

Esta pesquisa apresenta uma análise do trabalho de arte cerâmica de Ai Weiwei com foco em suas características tipicamente contemporâneas, tendo como base principalmente as argumentações dos teóricos Charles Jencks e Michael Archer (JENCKS, 1987; ARCHER, 2001).

Aclamado em 2011 e 2012 como o artista mais influente do mundo pela revista europeia *ArtReview*, o chinês Ai Weiwei (1957) é um exemplo vivo da atualização das linguagens plásticas para o contexto contemporâneo. Um dos autores do premiado projeto arquitetônico do *Ninho do pássaro* (*Bird nest*, estádio olímpico de Pequim, 2008), é fotógrafo, artista plástico, arquiteto, designer, *performer* com inserções na música e no vídeo, documentarista, ativista político e um inquieto e persistente formador de opinião pública. Ai Weiwei é um artista que assumiu, como indivíduo, o papel de oposição ao governo da China.

Em abril de 2011, o desaparecimento por 81 dias de Weiwei provocou comoção internacional e o boicote de artistas de todo o mundo para quaisquer manifestações artísticas dentro do território chinês até a libertação do artista, que ocorreu sob o pagamento de fiança. Oficialmente justificada por “sonegar impostos”, a prisão do dissidente ocorreu justamente durante a maior onda de repressão contra opositores do governo chinês das últimas duas décadas, segundo Phelim Kine, pesquisador da *Human Rights Watch* na Ásia (TREVISAN, 2011).

Além da multiplicidade de linguagens explorada, que por si já caracteriza o perfil de artista da contemporaneidade, a escolha das massas cerâmicas (aqui compreendidas como as variações entre porcelana, faiança, terracota e similares) como idioma plástico em algumas das suas principais obras representa uma transformação na forma como o artista relaciona a matéria-prima com suas inquietações individuais, cujas respostas – ou

A cerâmica artística na contemporaneidade: Ai Weiwei
Sandra Minae Sato

mesmo a abertura para outros questionamentos – são apresentadas na forma de arte. Ao eleger uma mídia ancestral como a cerâmica para se manifestar, Ai Weiwei propõe uma nova estratégia de aplicação da matéria, atribuindo subjetividade ao suporte:

Eu sempre penso que arte é uma ferramenta para propor novas questões. Criar uma estrutura básica que possa abrir para possibilidades é a parte mais interessante do meu trabalho. Desejo que as pessoas que não compreendem a arte possam entender o que eu estou fazendo. (TATE MODERN, 2010)

Por suas peculiaridades plásticas e sua trajetória histórica, uma das características da cerâmica coincide com a definição, conforme Jencks, da própria arte na pós-modernidade: a cerâmica é uma linguagem “ligada ao passado e movimentando-se para o futuro” (JENCKS, 1987, p.11).

A história deste material se confunde com a história da própria humanidade e segue adaptada ao futuro. A cerâmica percorreu toda a história da arte, resistindo às várias tendências e às diferentes escolas e gostos, mantendo-se presente em praticamente todas as partes do mundo. Até hoje, atende com precisão e eficiência tanto às manufaturas mais rudimentares até a alta tecnologia e as mais avançadas tendências do design.

Talvez a mais antiga das matérias-primas utilizadas pelo homem, a cerâmica é um dos símbolos das primeiras manifestações da racionalidade – projetar, processar e atribuir função prática ou simbólica – cujos registros datam de 29 a 25 mil anos. Caso da mais antiga estatueta de cerâmica (terracota) já encontrada, a *Vênus de Dolní Vestonice* (descoberta em 1922 na República Tcheca) (LIENHARD, 2003). Na Croácia, foram encontradas pequenas esculturas de animais com mais de 17 mil e 500 anos de idade, ou seja, antes mesmo do homem deixar seus hábitos nômades ou de cultivar a terra em territórios fixos. E, hoje, desde as artes até as próteses para implante, a cerâmica é um dos materiais que melhor se adaptam à modelagem em avançadíssimas impressoras 3D.

A relevância deste trabalho reside também no fato de que, apesar de todas estas peculiaridades, a cerâmica como técnica artística ainda

A cerâmica artística na contemporaneidade: Ai Weiwei
Sandra Minae Sato

responde, sob alguns olhares especializados da crítica, pela discriminação sofrida desde meados do século XIX, com a origem das escolas de Belas Artes, que a classifica como “arte menor” ou “arte aplicada”². Ao escolher a massa cerâmica como linguagem artística contemporânea, artistas como Ai Weiwei argumentam contra a manutenção desta visão questionável na atualidade.

O passado revisitado com ironia

No ensaio “*Mind mud: the conceptual ceramics of Ai Weiwei*” (*Mente de lama: a cerâmica conceitual de Ai Weiwei*), capa do anuário *Ceramics in America* de 2011, o pesquisador Garth Clark afirma que “a cerâmica contemporânea nunca conheceu um *showman* como Ai Weiwei”:

Este polímata apaixonado assumiu a vasta história da cerâmica da China, quebrou em pedaços (literalmente), virou de cabeça para baixo, remontou em novas formas tesouros vandalizados de oleiros da Idade do Ferro, questionou a autenticidade do patrimônio cerâmico do seu país, satirizou a expertise da cerâmica e da porcelana antiga, e usou a tradição cerâmica para criticar seu governo. [...] Ai reviu o cânone da cerâmica e reposicionou o barro em um novo, intimidador patamar (CLARK, 2011, p.29).

Esta reputação de artista ousado e transgressor é marcada fortemente pela utilização da cerâmica em seus atos em que a arte e a política se confundem. Talvez o surpreendente na obra de Weiwei (figura 1) tenha como gênese o sentimento que envolve esta rica e diversificada produção, exemplificada pela declaração direta e aparentemente contraditória: “Eu odeio cerâmica... Mas eu faço. Eu acho que se você odeia demais algo, você deve fazer. Você tem de usar isso”. A que o entrevistador pergunta: “Para exorcizar?”, ele responde: “Sim” (WEIWEI, 2010, p. 11).

2

Isto, objeto principal da pesquisa de doutorado em Poéticas Visuais intitulada “A cerâmica artística: interfaces na contemporaneidade”, concluída em abril de 2016 na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Brasil.

A cerâmica artística na contemporaneidade: Ai Weiwei
Sandra Minae Sato



Figura1 :: Ai Weiwei: “Eu odeio cerâmica, mas faço para exorcizar”

Fonte :: The Telegraph online “Ai Weiwei: a tumultuous timeline”. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/culture/art/11522659/Ai-Weiwei-a-tumultuous-timeline.html>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

É necessário enfatizar que a cerâmica, mais especificamente a porcelana, encerra uma forte simbologia para os chineses, quanto à opressão e ao totalitarismo sofridos por aquela sociedade há gerações. Acredita-se que a porcelana tenha sido descoberta em meados do século VI na China e que, desde então, a sua exploração e manufatura representou a base do sustento de cidades inteiras, de forma a servir as famílias imperiais, comumente sob um regime quase escravocrata, durante séculos (Weiwei in TATE MODERN, 2010). Tão consolidada é esta relação da porcelana com aquele país que, em inglês, o termo *porcelana* tem duas traduções: *porcelain* e *china* (com inicial minúscula para distinguir do nome do país). Daí o ódio declarado pelo artista nas suas ações envolvendo a cerâmica.

É o caso, por exemplo, do ato performático *Breaking of two blue-and-white dragon bowls* (Quebrando dois potes do estilo dragão azul e branco), de 1996, em que o artista se registra em foto e filme destruindo com um martelo dois potes de porcelana da Era Kangxi (1661-1722). Um trabalho de arte cujo impacto da ação quase terrorista propõe uma nova abordagem na utilização da cerâmica que a transporta para a pós-modernidade: a matéria-prima não é mais submetida à manipulação convencional como a modelagem, mas conjuga a apropriação de um objeto (não apenas pré-construído e, portanto, de outra autoria, mas já canonizado por seu valor

A cerâmica artística na contemporaneidade: Ai Weiwei
Sandra Minae Sato

histórico) com a tecnologia do registro fotográfico e filmico. A cerâmica já não é mais uma escultura ou um objeto, mas uma *performance*.

Da mesma forma, *Dropping a Han Dynasty urn* (Derrubando uma urna da Dinastia Han), de 1995, um tríptico composto por três fotografias que registram a sequência do artista derrubando a urna em questão, estabelece um diálogo de linguagens plásticas características da arte a partir do período moderno (*performance*, fotografia, apropriação, manifesto), tendo como protagonista a cerâmica sob nova ótica.

A postura ousada e insolente do artista chinês combina com a estratégia de intervenção, também característica da pós-modernidade e da contemporaneidade. Na série *Coca-cola* (1994-atualidade), Ai Weiwei pinta com tinta industrial o logotipo do famoso refrigerante, ícone Pop e símbolo do capitalismo ocidental, sobre urnas e vasos do período Neolítico e de dinastias milenares chinesas de até 5 mil anos antes de Cristo.

Em todas essas ações envolvendo antiguidades, é possível reconhecer apontamentos de Charles Jencks quando se refere à arte na contemporaneidade: a valorização da arte em processo (*happenings*, *making-of*, *performances*), a tecnologia (fotografia, vídeo, internet) aliada às referências clássicas (objetos em cerâmica milenares), a revisitação do antigo (arqueologia) com o olhar “irônico” do presente momento (“derrubar uma relíquia”), a desconstrução do passado para a construção do novo (mais uma vez, destruir artefatos canonizados para construir obras de arte contemporâneas), a banalização da imagem via comunicação de massa (a intensa divulgação das ações artísticas via redes sociais e outras formas de imprensa). Não coincidentemente, Ai Weiwei é considerado pela crítica como o “Andy Warhol da China” (KLAYMAN, 2012).

Quanto à própria postura, com frequência vista como destrutiva e violadora, o artista argumenta:

Nós estamos aprendendo com o passado... Você tem que conhecer para poder destruir. Você só é capaz de destruir algo sendo um expert. Um leigo não consegue destruir uma ponte. Apenas um engenheiro de estrutura é capaz disso. [...] As pessoas não conseguem simplesmente soltar suas mãos e deixar a gravidade cumprir seu papel. [...] Eu nunca hesito. (WEIWEI, 2010, p. 11)

Philip Tinari (WEIWEI, 2010, p. 33) complementa: "Ao derrubar a urna, Ai parece inicialmente destruir o antigo (um vaso de 2 mil anos) a fim de criar o novo (um trabalho de arte de *performance* contemporânea)". Ao mesmo tempo em que tais obras ironizam uma das máximas do governo absolutista chinês: "Não há construção sem destruição".

Frequentemente ameaçado e agredido pela polícia chinesa, considerando não apenas o caso isolado de seu desaparecimento em 2011, mas as inúmeras fotos e vídeos em que divulga sua própria imagem com hematomas, braços e dentes quebrados, ataduras e curativos pelo corpo, recebendo transfusões de sangue em hospitais, Ai Weiwei afirma que as perguntas mais frequentes em suas entrevistas pelo mundo são: "Você não tem medo de ser assassinado?" ou "Por que você não está preso?".

Por este motivo, aliado ao fato de que é considerado um dos artistas mais influentes do mundo, o artista recebe inúmeros convites para exílio em outros países, que sempre recusa: "Bem, a China é o meu país, e meu povo vive aqui. E minha família e amigos vivem aqui. Eu falo chinês. Então isso me dá razões para ter que ficar. Mas isso não é absolutamente necessário" (INDIANAPOLIS MUSEUM OF ART, 2013). Embora tenha estudado nos Estados Unidos, o artista sempre insistiu em retornar a Pequim, sua terra de origem.

Uma definição clara do que Archer (ARCHER, 2001) descreve como a arte na pós-modernidade: "Uma apreciação renovada da relação entre a arte e a vida cotidiana." Mais especificamente apontado por Jencks (JENCKS, 1987), como "o desejo de voltar para casa," e, até mesmo, "a individualidade diante da razão", que no caso de Weiwei, mescla suas inquietações pessoais com os valores coletivos que envolvem todo o povo chinês: suas questões com a perseguição política, vivenciada como herança do pai, o poeta revolucionário Ai Qing (1910-1996), que também esteve na prisão e viveu no exílio por quase 20 anos, mas morreu em Pequim. Daí de volta ao conceito de Archer de que o significado de uma obra de arte não está necessariamente contido nela, mas emerge do contexto em que ela existe.

A própria atitude de Weiwei em difundir exaustivamente sua própria imagem destruindo artefatos cerâmicos canonizados nos meios de massa

A cerâmica artística na contemporaneidade: Ai Weiwei
Sandra Minae Sato

como a internet, valoriza a banalização da imagem não apenas de sua obra, mas de sua própria imagem como veículo de expressão artística.

Não há como falar de Ai Weiwei ou da cerâmica na arte contemporânea sem citar a obra Kui Hua Zi – mundialmente conhecida como *Sunflower seeds* (*Sementes de girassol*), de 2009 (figura 2). *Site specific* quando adaptada para o *Turbine hall* da *Tate Modern gallery* (Londres, Inglaterra, 2010-11), instalação, arte interativa, arte processo, apropriação, simulacro, *revival*, realidade expandida... Todas as definições contemporâneas parecem se encaixar nesta obra que, inclusive para o público, trata-se de “uma obra de arte com 10 milhões de obras de arte”, número de sementes de girassol feitas em porcelana e pintadas uma a uma (TATE MODERN, 2010).



Figura 2 :: Sunflower seeds (2010): Milhões de obras de arte em porcelana pintadas à mão

Fonte :: The New York Times online “At Tate Modern, Seeds of Discontent by the Ton”. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2010/10/19/arts/design/19sunflower.html>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

A obra foi construída em cerca de dois anos e meio e envolveu toda a comunidade chinesa (mais de 1.600 pessoas – direta ou indiretamente – no projeto) de Jingdezhen, cidade a mil quilômetros de Pequim, tradicionalmente conhecida pela produção de porcelana para a corte dos imperadores. De acordo com o artista, uma tradição que envolvia gerações,

A cerâmica artística na contemporaneidade: Ai Weiwei
Sandra Minae Sato

de forma rigidamente controlada quanto a padrões determinados, sem abertura para a criatividade dos artesãos. *Sunflower seeds* inicia rompendo com esse passado ao buscar “as possibilidades de aplicação das técnicas antigas na moderna linguagem contemporânea” (TATE MODERN, 2010).

Durante este período, o artista acompanhou e registrou desde o trabalho de mineração da matéria-prima, o processamento e a preparação das formas até as queimas e a pintura artesanal das sementes.

No vídeo realizado para a apresentação de *The Unilever Series: Ai Weiwei: Sunflower Seeds* (2010, disponível no website da *Tate Modern Gallery*), as cenas em que o artista acompanha os processos artesanais da construção da obra, filmando com seu celular, ou as que mostram as artesãs voltando para casa em suas scooters, personificam o encontro do passado com o futuro tecnológico promovido pela arte contemporânea, além da contextualização do urbano no pequeno vilarejo tradicional chinês.

De volta ao ocidente, a exposição inicialmente foi aberta ao público, que pode caminhar sobre o vasto campo de sementes, interagindo intensamente com a obra: alguns se enterravam, realizavam desenhos com as peças, registraram seus passeios com suas câmeras de fotografia e vídeo, levavam exemplares consigo, testavam a veracidade das réplicas mordendo as pequenas peças em porcelana. Com o tempo, por se tratar de um espaço fechado, a poeira decorrente desta movimentação constituiu um risco para a respiração, e o acesso à galeria foi impedido.

Ainda durante a temporada de exibição, uma obra paralela derivou desta instalação de Weiwei: o projeto *Tate shots: Ai Weiwei, one-to-one*, em que os visitantes podiam gravar comentários ou perguntas em vídeo para serem respondidas pelo artista posteriormente. Foram gravadas mais de 11.500 participações: exibições de dança, composições musicais para a obra, elogios, mensagens pessoais e perguntas como: “Por que você fez aquilo das sementes?”, cuja resposta simples resume o envolvimento do artista com a sua cultura de origem: “As sementes de girassol são o objeto mais popular da China. Não importa onde você está, se rico ou pobre, se está em áreas remotas ou na cidade.” Ou seja, trata-se de um símbolo da democracia, almejada por aquele contexto no oriente e ironizada no ocidente por artistas como Andy Warhol, quando comenta sobre a Coca-cola:

A cerâmica artística na contemporaneidade: Ai Weiwei
Sandra Minae Sato

O que é grande sobre este país é que a América começou a tradição onde os consumidores mais ricos compram essencialmente as mesmas coisas que os mais pobres. Você pode estar assistindo TV e ver Coca-cola, e você sabe que o presidente bebe Coca-cola, Liz Taylor bebe Coca-cola, e só pensar, você pode beber Coca-cola também. A Coca-cola é uma Coca-cola e nenhuma quantidade de dinheiro que você tem pode obter uma Coca-cola melhor do que aquela que o vagabundo na esquina está bebendo. Todas as Coca-colas são as mesmas e todas as Coca-colas são boas. Liz Taylor sabe disso, o presidente sabe disso, o vagabundo sabe disso, e você sabe disso. (WARHOL, 1977)

O projeto *Tate shots: one-to-one* com Ai Weiwei ganhou um significado ainda mais importante para a arte contemporânea internacional com uma triste coincidência. Gravado no período entre outubro de 2010 e maio de 2011, de forma imprevista, justapôs-se ao momento em que o artista foi preso pelo governo chinês (81 dias). Desta forma, de 3 de abril ao final de maio daquele ano, o mundo não sabia ao certo se o artista seria visto novamente com vida.

O passado sem inocência e o presente como ponte para o futuro

Verdadeiro signo em carne e osso do artista contemporâneo, Ai Weiwei dá vida às teorias sobre a produção artística na atualidade, promovendo, inclusive, o encontro entre as culturas oriental e ocidental utilizando as semelhanças e as diferenças como elos ao aprisionar, por exemplo, uma estatueta da Dinastia Song (960-1279) em uma garrafa de uísque Johnnie Walker (*Sem título*, 1993). Provoca e aquece, com suas ações e objetos minimalistas ou monumentais, as discussões sobre as questões que transitam entre individualidades e interesses coletivos, de forma explícita e de fácil compreensão.

Confunde e questiona o real valor entre o real e o falso (aliás, seu ateliê em Pequim é chamado *Fake*) ao encomendar réplicas perfeitas

A cerâmica artística na contemporaneidade: Ai Weiwei
Sandra Minae Sato

(algumas distinguíveis das originais apenas com testes de carbono 14) de porcelanas antigas (*Ghost Gu*, 2006: réplicas de vasos no estilo da Dinastia Yuan (1229-1368), ou *Porcelana azul-e-branca*, 1996: réplicas de vasos da Dinastia Qing, era do reinado de Kangxi, 1661-1722), justamente aos artesãos descendentes dos que manufaturaram os originais, há séculos atrás (WEIWEI, 2010).

Também ironiza a idolatria à memória, ao expor como obra de arte a poeira de um artefato neolítico triturado em um pote ordinário de vidro, fazendo ao mesmo tempo referência à citação bíblica “do pó ao pó”, sobre a origem e o destino do homem, em Gênesis, capítulo 3, versículo 19 e; Eclesiastes, capítulo 3, versículo 20 (*Dust to dust*, 2009).

Sua inquietude resulta em um legado aparentemente inesgotável de obras de arte que certamente já representam o retrato desta era de transitoriedade, em que caíram os paradigmas e não há mais verdades absolutas. É o fim das metalinguagens. Era em que o rompimento com o antigo é inevitável e que o resgate do passado nunca é inocente, porque dele resulta a *modelagem*, com o perdão do trocadilho, do novo.

Ao recorrer à cerâmica como matéria-prima e às suas práticas milenares de confecção, Ai Weiwei evoca antepassados, como se ressuscitasse os mortos, para enfrentar o presente. O preço desta heresia é a perseguição, o que inclui a retenção do seu passaporte pelo governo chinês de 2011 a 2015, impedindo-o de sair do país por quatro anos desde o fim de sua prisão. A via de comunicação do artista ficou restrita às redes sociais e às eventuais publicações em meios de comunicação principalmente na Europa e Estados Unidos neste período.

Se apropriando de símbolos do passado e da herança chinesa, Weiwei busca constantemente romper os laços do absolutismo com sua própria pátria, mas acaba criando identidade com inúmeras culturas que, de forma assumida ou dissimulada, ainda sofrem com este estigma. O que ele declara sobre sua terra natal é facilmente traduzido para um âmbito mais abrangente, se torna impessoal e universal:

Para mim, simplesmente pendurar pinturas em um museu não é suficiente. Uma vez que você discute sobre arte, você não pode realmente evitar falar de pessoas e

A cerâmica artística na contemporaneidade: Ai Weiwei
Sandra Minae Sato

liberdade de expressão. [...] Eu penso que ser um artista na China significa que você tem de encontrar uma nova forma de se expressar e de encorajar as pessoas para que tenham mais imaginação. (AI WEIWEI, 2010)

Haverá realmente tanta diferença desta realidade descrita na China em relação a outras culturas, estejam elas sob quaisquer regimes políticos, no oriente ou no ocidente, no passado ou no presente?

Referências

AI WEIWEI: a conversation. Londres, 12 out. 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=-go2H9enz7Y>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

ARCHER, M. *Arte contemporânea: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CLARK, G. Mind mud: the conceptual ceramics of Ai Weiwei. In: HUNTER, Robert. *Ceramics in America 2011*. Nova Inglaterra, EUA: The Chipstone Foundation and University Press, 2011.

INDIANAPOLIS MUSEUM OF ART. *According to Ai Weiwei: Why do you remain in China?* 2013. Disponível em: <<http://www.imamuseum.org/accordingtoaiweiwei/why-do-you-remain-in-china/>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

JENCKS, C. *Post-modernism: the new classicism in art and architecture*. Nova York, EUA: Rizzoli, 1987.

KLAYMAN, A. *Ai Weiwei: Never sorry*. 2012. Disponível em: <<http://aiweiweineversorry.com>>. Acesso em: 5 nov. 2016.

Lienhard, J. H. *The engines of our ingenuity: An engineer looks at technology and culture*. England: Oxford University Press, 2003.

Tate Modern. *The Unilever Series: Ai Weiwei: Sunflower Seeds*. Londres, Inglaterra: 2010. Disponível em: <www.tate.org.uk/whats-on/tate-modern/exhibition/unilever-series-ai-weiwei-sunflower-seeds>. Acesso em: 3 nov. 2015.

A cerâmica artística na contemporaneidade: Ai Weiwei
Sandra Minae Sato

TREVISAN, Cláudia. Pequim liberta sob fiança o dissidente Ai Weiwei. *Estado de São Paulo*, São Paulo, 23 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,Pequim-liberta-sob-fianca-o-dissidente-ai-weiwei,736054,0.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

WARHOL, A. *The philosophy of Andy Warhol (from A to B and back again)*. Fort Washington, PA: Harvest, 1977.

WEIWEI, A. *Dropping the urn: ceramics work, 5000 BCE-2010 CE*. Pensilvânia, EUA: Arcadia University & Office for Discourse Engineering, 2010.

Recebido em: 29/06/2017

Aprovado em: 17/10/2017